

A respeito de comentários

*Silvino Santin**

Preciso fazer um comentário. Foi um convite da comissão editorial da revista da ESEF-UFRGS. Um convite muito honroso, ainda que um tanto parecido com o jeito de intimação. De posse do "convite", fiquei abandonado e assustado diante das vítimas, os textos: Mas afinal, o que é Educação Física?, do professor Adroaldo Gaia, e Mas, afinal, o que é Educação Física?: Um exemplo de simplismo intelectual, das professoras Celi Nelza Zulke Taffarel e Michelli Escobar (os dois textos foram publicados no primeiro número da revista Movimento - ESEF/UFRGS). Voltar atrás, impossível. Um só caminho: mergulhar nos textos em busca de inspiração. Os mergulhadores dizem que não há nada mais fascinante do que as ambigüidades dos desafios dentro de espaços multidirecionais, onde pode-se andar para cima e para baixo e por todos os lados. Tentei agarrar-me a esta máxima com a esperança de poder abrir um caminho neste ambiente onde é possível locomover-se em todas as direções. Tais condições se, de uma parte, abriam o leque das possibilidades, aumentavam, de outra parte, o

grau de responsabilidade empreitada de articular uma leitura sistemática. A ambigüidade apresentava, sem rodeios, suas dúbias faces. Uma, estimulante é tentadora, oferecia um espaço para o aprofundamento de um tema de tumultuada vitalidade, a identidade da educação física. Outra, misteriosa e rigorosa, apontava para a necessidade de não ultrapassar os limites do debate acadêmico.

Deveria aprofundar a questão sem destruir as contribuições dos textos. Estes seriam, apenas, a fonte inspiradora da instalação de uma reflexão que, aqui, deve ser chamada de comentário.

O comentário de textos foi uma das grandes tarefas das universidades medievais, ainda que sua prática possa ser observada já nas longínquas escolas de rabinos com a finalidade de interpretar os textos sagrados. Na universidade medieval, entretanto, o que estava em jogo eram os escritos filosóficos. As-

sim, num primeiro plano colocavam-se as obras fundamentais e originais dos grandes Mestres e num patamar inferior, situavam-se os comentários de textos. A figura do comentador, portanto, fazia parte da hierarquia da atividade docente. Os comentários eram redigidos seguindo uma metodologia rigorosa, o que conferia-lhes um caráter de cientificidade. Não pretendo inspirar-me nestas liturgias medievais para construir meu comentário; entretanto, preciso fornecer, ao leitor benevolente, algumas informações para que possa acompanhar e, acima de tudo, avaliar meu trabalho.

Há múltiplas maneiras de construir um comentário. Gostaria de garantir que, neste momento, trata-se de um comentário livre, apesar de estar duplamente circunscrito inicialmente, pela formação acadêmica e, em segundo lugar, pela arquitetura dos textos a serem comentados. É bom lembrar que um comentário

está enraizado no lugar cultural do comentador, isto é, no seu mirante ideológico. Um texto, diz Paul Ricoeur, constitui-se como obra e toda obra é realizada seguindo um projeto arquitetônico previsto pelo autor para manifestar uma mensagem. Entretanto é possível apreender certas estruturas e significados que, segundo Jacobson, escapam do controle do escritor. Um comentário pode penetrar neste espaço e trazer à tona o subconsciente do texto.

Ciente destas circunstâncias quero reafirmar que pretendo tecer um comentário livre, evidentemente, uma liberdade que se movimenta dentro dos limites acima expostos. E, para começar, não posso deixar de distinguir a natureza dos textos. Ainda que o tema dos dois textos gire em torno da questão da identidade da educação física, há entre eles uma diferença fundamental. O primeiro, do Prof. Gaia, tem o objetivo de dizer o que seria a educação física. No segundo texto, as professoras Celi e Michelli, ao mesmo tempo que fazem uma análise crítica do primeiro, apresentam uma outra resposta à pergunta: o que é Educação Física?. Em outras palavras, a indagação: que é educação física? origina um texto, este, por sua vez, é a razão do segundo texto. E, por fim, ambos tornam-se alvo da presente reflexão.

O PRIMEIRO TEXTO

O autor escolheu a for-

Um texto constitui-se como obra e toda obra é realizada seguindo um projeto arquitetônico previsto pelo autor para manifestar uma Mensagem.

ma interrogativa para anunciar, de uma só vez, o tema e, acredito, a tarefa de buscar possíveis respostas para a mesma. Coloco como primeiro ponto de referência a tecitura deste comentário que será apresentado em dois momentos. O primeiro, é dedicado à análise do tipo de formulação da questão. O segundo, concentra-se sobre os méritos da resposta. O comentador supõe que o texto também tenha duas partes. Uma, dedicada a explicar as dimensões e a maneira do tema ser apresentado, outra, consagrada às possíveis soluções do problema formulado.

A PROPÓSITO DA FORMULAÇÃO DE UMA QUESTÃO

O tema está apresentado de forma interrogativa o que, sem dúvida, é uma maneira provocativa e estimulante. Propõe-se uma questão que demanda uma solução que, pelo emprego do advérbio afinal, está tardando a chegar,

parecendo provocar uma impaciente expectativa. Ainda que a forma interrogativa merecesse uma atenção especial, não é meu objetivo aprofundá-la, deixo apenas o registro de sua inteligente utilização. O ponto a ser focado, neste primeiro momento de meu comentário, é a maneira como a pergunta foi formulada. A maneira de perguntar exige uma reflexão mais atenta, pois nela se manifesta todo o processo de desenvolvimento do tema proposto. Antes, porém, de entrar propriamente na análise da arte de formular perguntas, quero chamar a atenção do leitor para o primeiro enunciado do texto. O autor começa, com toda inocência, afirmando categoricamente: "pergunta simples, já muitas vezes formulada". Pergunto eu, porque seria simples? E será mesmo simples? Seria simples por que foi muitas vezes formulada? Ou será que o fato de ter sido muitas vezes formulada denuncia que ela não é simples? O fato do autor ter colocado sua pergunta no rol das coisas simples, deu-lhe a oportunidade de invocar Einstein. Tenho a firme convicção de que, se Einstein fosse consultado, não aceitaria que sua afirmação fosse invocada para sustentar a simplicidade de uma questão que pretende tratar do modo de ser de uma realidade, no caso a educação física.

Vejamos por que a pergunta expõe uma questão altamente complexa e de difícil resposta. E agora estamos entrando no mérito da dinâmica

de formular perguntas. A expressão "o que é" ingada sobre o ser de um ente qualquer. Aqui, o autor, supostamente, pretenderia falar sobre o "é" da educação física. Este "é" expressaria seu modo de ser, ou seja, sua essência. Mergulhamos assim no mais profundo dos problemas metafísicos da antigüidade grega e medieval, a questão do ser. Tudo começou com a suposta oposição entre o vir-a-ser de Heráclito e o ser de Parmênides. Encontrou um desdobramento, sempre conflitante, com o idealismo platônico e o realismo aristotélico. Mas é na Idade Média que a questão do ser celebra seu apogeu e seu epílogo através da questão dos universais. No pensamento contemporâneo, a questão do ser volta à tona, mas com outra roupagem, inaugurada pela pergunta heideggeriana "por que há entes (coisas) e não nada?" Na mesma direção, podemos colocar a obra de Satre *L'Être et Le Néant*. Ainda, o próprio Heidegger denuncia a não simplicidade da pergunta mostrando a complexidade da palavra ser em sua obra *Introdução à Metafísica*, no capítulo intitulado *Sobre a Gramática e Etimologia da palavra Ser*.

A metafísica ensinou, desde o século sétimo antes de Cristo, aos filósofos ocidentais, procurar a verdade na verdade dó ser. Por isso continuamos perguntando, às vezes sem medir muito as conseqüências, nem avaliar sua complexidade, pelo "é" de cada coisa. Com certo espontaneísmo indaga-

mos "o que é isto?", "o que é àquilo". Tais indagações, recorrendo mais uma vez a Heidegger, são fruto da tagarelise que se instalou em conseqüência do desgarramento do sentido profundo da questão do ser. Portanto, tal pergunta, formulada no fórum da Academia, somente teria legitimidade se retomasse o vigor originário do discurso filosófico.

Não se trata, aqui, de avaliar os desdobramentos da questão do ser na história da filosofia ocidental, mas apenas explicitar o que se quer saber quando se pergunta pelo "é" de uma coisa. Voltando, portanto, à pergunta que indaga pelo ser da educação física, seria necessário, inicialmente, descobrir a que categoria de entes ela pertence, o que abre caminho para a descoberta do seu "é", isto é, de sua essência. Dizer o que uma coisa é implica em definir sua essência, ou seja, estabelecer suas propriedades constitutivas universais e necessárias. A essência de uma coisa garante simultaneamente sua identidade e sua distinção de todas as demais coisas.

A educação física, certamente, não faz parte do mundo das coisas, mas, sem dúvida, coloca-se entre os entes denominados de ações (O professor Gaia classifica-a como uma ação pedagógica). Sendo

uma ação, precisamos estabelecer o seu "é". Mas como chegar lá? Os conceitos e as definições nada mais são do que expressão de uma essência. Tome-mos como exemplo o conceito de homem, cuja essência é expressa na definição: animal racional. Animalidade e racionalidade são as propriedades universais e necessárias de todos os entes humanos. Segundo o processo da construção do saber conceitual, uma definição deve conter o gênero próximo e a diferença específica do objeto definido. Assim, a animalidade é a propriedade comum a todos os seres vivos sensíveis e a racionalidade é propriedade específica dos seres humanos, que lhes dá identidade e os distingue de todos os demais seres.

Aplicando o mesmo procedimento na análise do conceito educação física, sempre obedecendo a ordem lógica da questão formulada, diríamos que o termo educação coloca-a entre as ações educativas, característica comum a todas as atividades educacionais. O termo física expressaria a propriedade específica da educação física. Nele estaria o segredo de sua identidade. Portanto, estaríamos diante de uma ação educacional do físico (Mas qual o significado de físico?). O desafio da pergunta inicial, em

busca do "é" da educação física, nada mais deveria ser do que fornecer a compreensão e a interpretação deste último elemento, isto é, a especificidade pedagógica da educação física.

EM TORNO DO MÉRITO DA RESPOSTA

O teor deste comentário está esperando e cobrando uma resposta que garanta a explicitação do "é" da educação física, ou seja, sua essencialidade que, novamente segundo a linha do comentário, deveria estar contida na própria formulação da questão, caso a pergunta inicial definisse de fato o fio condutor do texto comentado. Esta tarefa estaria anunciada pelo título da segunda parte do texto: "educação física uma disciplina normativa." Entretanto, parece que isto não ocorre, porque a primeira parte foi consagrada a uma revisão histórica, cujo espectro, no meu entender, é bastante limitado e, por isso, insuficiente, concluindo para uma dupla questão: será a educação física ciências ou filosofia?. Este dupla questionamento a meu ver, muda o rumo da questão inicial. Nota-se, nesta dupla interrogação, uma acentuada fragilidade, porque opõe de maneira excludente entre si ciências e filosofia. Na distinção entre ciências da natureza, ou exatas, (Naturwissenschaften) e ciências do espírito, ou humanas, (Geistwissenschaften), proposta por Dilthey no século passado, a filosofia faz parte do segundo grupo. Seria longo demais

querer mostrar que a filosofia não faz parte das instituições científicas, ainda que possa ser desprovida de certos rigor.

A conclusão é de que há duas tendências entre os autores citados pelo autor, uns, alinhados em torno da idéia de uma ciência autônoma; outros, defensores de uma filosofia de corporeidade e céticos quanto à cientificidade. Ainda que se deva respeitar o juízo analítico do autor, não vejo com clareza que tal classificação seja legítima. O que mais agrava, certamente, esta categorização é a afirmação de que tais autores são, reducionistas. Na medida em que fui citado, gostaria de fazer duas observações. Em primeiro lugar, em nenhum momento pretendi afirmar que a educação física é uma filosofia da corporeidade, tal equívoco entendo que possa ter acontecido ou por falta de clareza de meus escritos ou por uma leitura parcial. Poderia acrescentar que vejo na corporeidade a possibilidade de encontrar o é específico

*A metafísica ensinou,
desde o século sétimo
antes de Cristo, aos
filósofos ocidentais,
procurar a verdade na
verdade do ser.*

da educação física. Mas não apenas a corporeidade proveniente da filosofia, mas de ciências como a biologia, a antropologia, a sociologia, a psicologia, a genética, a bioquímica, a biomecânica, etc. Em segundo lugar, posso remeter o leitor ao meu livro EDUCAÇÃO FÍSICA: Outros caminhos (Cap. 5, p. 66-73, cujo título é: Educação Física: Sabedoria de viver) no qual deixo claro que me coloco entre os que vêem a educação física como uma ação pedagógica (p.70). Além disso, no mesmo texto, afirmo que não se trata de negar a ciência, nem as suas contribuições, mas de repensá-las (p.71). Entretanto, preciso reconhecer que não morro de amores pela cientificidade das ciências da modernidade. O que legitima, no meu entender, um conhecimento é sua capacidade e eficiência em solucionar os problemas humanos e melhorar a qualidade de vida e a harmonia do universo. Gostaria de recorrer a este pensamento, cujo autor não lembro, que diz que as matemáticas são seguras quando não aplicadas à realidade e, quando aplicadas à realidade, tornam-se inseguras.

O SEGUNDO TEXTO

Preciso dizer ao leitor que o presente comentário foi elaborado, inicialmente, apenas em torno do texto do professor Gaia, só posteriormente foi incluído o segundo texto das professoras Celi e Michelli. Além deste fato, a natureza diversa do segundo texto complica a seqüência do

presente comentário. Já foi dito que este é motivado e derivado do primeiro. Neste caso, pode-se tomar diferentes enfoques. Como se trata de um comentário, o mais indicado seria analisar a estrutura específica da ordenação do mesmo. É o que vou tentar fazer, ainda que seja de maneira um tanto horizontal, dito com maior franqueza, superficial.

O texto começa de maneira contundente, o que facilita identificar, já no seu título, o teor contestador imprimido no mesmo. Por outro lado, esta franqueza frontal pode provocar um pré-julgamento nos leitores, impossibilitando uma atitude mais crítica, que se forma ao longo da força da argumentação. De qualquer maneira, as professoras Celi e Michelli tocam em pontos centrais enfocados no texto do professor Gaia, como o caráter - identificado como idealista pelas autoras - da definição da educação física; a classificação das tendências; os argumentos da crítica apresentada pelo professor Gaia; os limites da literatura e a inconsistência da indagação "O que é Educação Física? Será ciência, ou será, filosofia?".

As argumentações apresentadas pela crítica das professoras Celi e Michelli são muito bem elaboradas, possibilitando ao leitor condições para fazer um juízo de valor, caso já não se tenha definido anteriormente, movido pela virulência do título. Para não ficar alheio, concordo com grande parte das posições as-

Enquanto o tema da educação física não encontrar as empostações mais adequadas e harmônicas, continuaremos o debate. Não tanto exigindo respostas definitivas, mas sonhando com outros caminhos

sumidas, aliás, o que pode ser confirmado pelas minhas observações já apresentadas.

Entretanto, o meu comentário privilegia o enfoque de um outro aspecto do texto da Celi e da Michelli. Trata-se da diferença paradigmática, diria ideológica (entendendo ideologia no sentido mais amplo) dos dois textos. O respeito a esta diferença é fundamental. Neste caso, como leitor livre, eu não poderia analisar um pelo outro. Quando se pretende fazer análise de texto com paradigma de outro, acaba-se por ter que negá-lo ou, no mínimo, falseá-lo. Vejamos: Gaia insere a sua indagação

no clássico estilo da indagação metafísica, entretanto a resposta é conduzida para a história. Levanta uma literatura limitada, onde encontra duas tendências (supostas) que opõem entre si ciência e filosofia e passa a questioná-las, em nome de uma educação física como fazer pedagógico, sem conseguir defini-lo em sua especificidade (que tentei demonstrar acima). As professoras Celi e Michelli inserem o debate sobre a identidade da educação física no paradigma marxista, que tem como mola mestra a necessidade de descrever e definir o compromisso social da mesma. Em outras palavras, a educação física não pode ser definida metafisicamente, o que seria um idealismo, ela precisa ser compreendida a partir de seu compromisso social.

PARA CONCLUIR

No meu entender um texto não elimina o outro, cada um tem seu próprio paradigma de pensar ou de filosofar sobre o mesmo tema. Tais ensaios, sem dúvida, aprofundam a reflexão em torno da educação física, o que pode enriquecer as atividades acadêmicas e, espero, possam contribuir para que ela consiga descobrir formas mais adequadas de inserção na ordem científica e, especialmente, social.

As preocupações em busca da identidade da

educação física parecem estar, entre nós, num estágio preliminar. Para melhor explicitar tal situação poderia recorrer à linguagem musical e dizer que estamos na fase da empostação, ou seja, a colocação exata, adequada ou correta da questão. Falta a embocadura que indica o jeito particular de tocar o instrumento. Estamos tentando encontrar a afinação de nossas reflexões acadêmicas que nos assegure a harmonia de nossas investigações, condição fundamental para compormos belas melodias. Sem dúvida não há uma única afinação, o que garante a execução de partituras diversificadas, isto é, de diferentes discursos e de reflexões renovadoras.

Enquanto o tema da educação física não encontrar as empostações mais adequadas e harmônicas, continuare-

mos o debate. Não tanto exigindo respostas definitivas, mas sonhando com outros caminhos. E, este comentário, antes de ser um julgamento dos textos comentados, pretendeu trazer uma contribuição para enriquecer as discussões desta temática tão conflitante e, às vezes, nefastamente polêmica. Tais circunstâncias, entretanto, no meu entender, constituem a fecundidade e a vitalidade de qualquer área do saber, em geral, e da educação física, em particular. Estes procedimentos acadêmicos, além de alimentar a consciência reflexiva, arrancam a educação física de seu esconderijo marginalizante, elevando-a ao centro da nova paisagem, onde o humano poderá ser redesenhado por outras alternativas teóricas e práticas que encontram na corporeidade um centro de inspiração.

Finalmente, volto a insistir que estamos diante de dois textos com arquiteturas distintas. Um, inspirando-se no modo de pensar da metafísica, procura a essência de uma ação; outro, baseado no pensamento marxista e reforçado pela Escola de Frankfurt, sustenta a tese de que todo saber e toda ação devem ser vistas a partir de sua vinculação social. Tais diversidades arquitetônicas do pensamento, além de enriquecerem a reflexão, têm o mérito de identificar os lugares ideológicos a partir dos quais todos e cada um costumamos falar.

UNITERMOS _____

*Educação Física - Filosofia -
Disciplina*

**Professor visitante no
Mestrado- ESEF/UFRGS*